

## UTOPIA, EUTOPIA E MUSEOLOGIA DA TRANSFORMAÇÃO

Fernando João Moreira

### I

Há trinta anos, mais precisamente a 10 de Junho de 1988, na Quinta da Subserra em Vila Franca de Xira, deu-se início às primeiras jornadas do MINOM, iniciativa que, pelo êxito alcançado no plano quantitativo (participantes) e qualitativo (densidade do debate) perdura até hoje através de múltiplas edições anuais.

As Jornadas - não eram ainda primeiras - surgiram através da congregação dos esforços de um largo conjunto de companheiros que nelas viram uma oportunidade para estruturar a ossatura teórica do movimento e debater pontos de vista nem sempre coincidentes, circunstâncias então encaradas como debilitantes mas que, quando perspectivadas à distância de três décadas, surgem agora como perfeitamente naturais e como reveladoras da pujança que o MINOM, enquanto movimento de rápido crescimento e enquanto plataforma de convergência de diferentes motivações de pessoas e de grupos, patenteava no último quartel do século passado.

A ideia tinha surgido, num fim de noite, dentro de um carro estacionado algures no concelho de Sintra, posteriormente burilada, engrossada através de um núcleo inicial e, adicionalmente, apresentada à reunião geral do MINOM realizada no Museu do Traje, onde foi aprovada por escassos votos. Neste grupo de entusiastas e inovadores, entre outros, cabe destacar, pela sua acção e por já não se encontrarem entre nós, o Alfredo Tinoco e a Lurdes Abreu, companheiros da primeira à (sua) última hora.

Coube-me a mim, seguramente só por ser o mais distante da sabedoria do “só sei que nada sei”, redigir e apresentar o texto inicial do painel sobre “museologia e desenvolvimento”, tarefa que levei a cabo desenvolvendo duas ideias centrais: a nova museologia como recurso viabilizador de uma nova etapa do processo de acumulação capitalista; a nova museologia como expressão de um novo modelo de desenvolvimento, *down-top* e escorado na capitalização dos recursos e dos atributos locais. Reli agora - com pudor, note-se! - essas linhas e, pese embora alguns erros e detalhes mais esconsos, não tropecei com nada verdadeiramente perturbador. Representavam uma visão incompleta e parcial da realidade, efectuada por alguém que tinha dado recentemente à costa da museologia após o naufrágio da revolução e que, mesmo de viático reduzido, não tinha ainda desistido da rota.

Terminava esse texto uma afirmação própria de quem pressente que embora “o caminho se faça caminhando”, há caminhos que representam “batalhas sem fim”, corridas para cruzar arcos iris inatingíveis, demandas por lugares que não existem (as utopias no sentido mais puro do termo) e que, por isso mesmo, valem pelo que delas pode ser extraído em ganhos de experiência nos percursos e em avanços, mesmo que modestos, na aproximação aos objectivos idealizados: “Uma via pessoal (a Nova Museologia enquanto instrumento de libertação...), talvez utópica, mas

sem dúvida cheia de encantos”. Na verdade, um retomar, vinte anos depois e por palavras com sentido mais implícito do que explícito, do inefável grito de insubmissão que ecoou pelas ruas de Paris em Maio de 1968: “Soyez réalistes, demandez l’impossible”.

## II

Desde o ido 1988, muita coisa mudou: trinta anos passaram arrastando-nos inexoravelmente para a foz através de percursos de vida inesperados e escolhosos; o mundo é outro, mais imprevisível e menos hospitaleiro; o País mudou radicalmente em direcção a horizontes díspares em que os avanços e os retrocessos se mesclam numa espécie de crise luxuosa permanente e impiedosa para os excluídos; os museus - e a museologia - são uma outra realidade, mais modernos, mais abertos, mais desempoeirados das cinzas do Estado Novo, mais tecnológicos, menos catedrais do silêncio e da sapiência erudita. Numa palavra, para sobreviver e para manter o seu status de instituição de (grande) utilidade pública, “fizeram pela vida” e adaptaram-se de acordo com o famoso princípio de Tomasi de Lampedusa: “Para que as coisas permaneçam iguais, é preciso que tudo mude “.. Ou seja, “mudam-se os tempos”, mudam-se os meios, permanecem “as vontades” - de ser oficiais encartados das representações culturais, científicas e artísticas, de manter empregos e prebendas, de ser a “voz do dono”, ou melhor, dos vários donos que se vão sucedendo nos corredores dos poderes, de quem dependem e a quem se justificam.

Mas a verdade é que este recentramento, operado na museologia oficial e *mainstreaming*, introduziu vectores adicionais perturbadores da equação existente entre “novas” e “velhas” museologias, num termo e no outro, por tal sinal. Muitas das bandeiras da então designada “nova museologia” foram capturadas e arvoradas posteriormente como sinal da inequívoca mudança operada no pensamento tradicional: o conceito de público, a ligação ao contexto de imersão da instituição, a responsabilidade social, a democratização da cultura e das artes, a importância dos processos no crescimento individual e colectivo, as peças enquanto testemunhos físicos de um enredo que se pretende transmitir, a dessacralização do museu enquanto templo do saber, do maravilhoso e do valioso, isto é, o museu ao alcance de todos, pobres ou ricos, ilustrados ou ignaros, locais ou turistas. E enquanto esta transformação se operava num dos lados da equação, no outro, no do lado da “nova museologia”, não menos realinhamentos se produziam, facilmente e sem convulsões assinaláveis, tendo em conta não só o “cosmopolitismo” do movimento, mas também a sua persistente névoa teórica: a associação do movimento ao profissionalismo nas funções museológicas institucionais; a sua ligação - e candidatura à respeitabilidade científica - ao mundo académico universitário; o progressivo esquecimento dos factores “acção directa” e “cocriação” nos ecossistemas territoriais, sociais e museológicos; a retirada progressiva do cavername ideológico de suporte à acção; a contaminação utilitarista enquanto auto e hetero justificação; a crescente admissão da dependência face a patronos como via facilitadora e desbloqueadora de processos e projectos; a consolidação dos unguídos da Nova Museologia com a alta missão de efectuar a ronda dos croquetes nos areópagos de estilo (universitários, associativos e institucionais) espalhando a palavra da boa nova, abandonou a sua faceta iconoclasta, ou seja, na demanda pela aceitação e pela respeitabilidade, a designada Nova Museologia foi perdendo a cafeína que dava sentido ao “Nova”, diluiu-se, e, como seria de

esperar, adormeceu num torpor beatífico de “menina bem comportada com as mãozinhas fora do lençol”.

Com este processo de convergência entre a nova “museologia tradicional” e a “nova museologia” descafeinada, é lícito perguntar se aquilo a que se assiste actualmente no seio do nosso movimento - deserção e desmobilização - significa algo conjuntural ou estrutural ou, por outras palavras, se ainda se justifica a existência do MINOM enquanto portador de futuro no domínio da inovação social motorizada pelo discurso e pela acção museológicas. Isto excluindo, é óbvio. o mérito de continuar a ser um bom pretexto para encontros, conversas e comes e bebes, já para não falar na linha que se acrescenta no *curriculum vitae* ou no “selo de garantia” que se coloca nos projectos de ordem pessoal.

### III

A nova museologia e o MINOM com ela, mesmo não tendo sofrido um contínuo processo de institucionalização que lhes aparou as garras e silenciou os rugidos, está carente de causas mobilizadoras capazes de encantar e arrastar as novas gerações de potenciais museólogos amadores e populares, seja pelas razões que anteriormente aduzimos, seja porque a atenção das comunidades virou-se para outros desígnios, os quais fomos incapazes de prospectar e de acompanhar. Não que os problemas da pobreza, das desigualdades e da exclusão aos mais diversos níveis tenham desaparecido, quiçá em bastantes aspectos até se agudizaram, algo que faria supor a perenidade mobilizadora das grandes causas de uma museologia de libertação (tal como ela foi inicialmente perspectivada e entendida por muitos de nós). A grande questão e o óbice reside no caminho e nos objectivos intermédios que consubstanciam a proposta libertadora que propomos e protagonizamos: a era das grandes revoluções colectivas foi substituída pela evolução através de micro ou macro rupturas de natureza fundamentalmente individual, num processo *down-top* de motivações múltiplas e capilares; a avaliação da situação de pobreza, pelo menos no mundo dito desenvolvido, evoluiu do plano estritamente económico e financeiro para horizontes que se espraiam pela qualidade de vida, congregado conceptual onde entram, entre outras, as dimensões ambientais, a integração, o acesso ao consumo, o direito ao lazer e à cultura, a igualdade de género, os direitos das minorias, a liberdade de escolha nos domínios da identidade sexual e de género, a sustentabilidade dos modelos de desenvolvimento, os quadros alternativos de vida (*degrowth*) associados às propostas e ideias do pós-desenvolvimento (...).

Neste novo mundo de “pequenas” e múltiplas causas, que fizemos nós às nossas bandeiras? Na verdade, nada, ou, com generosidade, muito pouco. Enquanto os problemas se acumulavam ao nosso redor, enquanto a casa do vizinho pegava fogo, uns de nós continuaram a agitar as bandeiras da ilha da utopia, lugar onde, segundo Rafael Hitlodeu<sup>1</sup>, não há incêndios porque tudo é intrinsecamente bom; outros, mais moderados e realistas, avançavam com a importância da conservação do património e do poder da memória enquanto formas de mitigação dos efeitos dos incêndios domésticos. Num caso os amanhãs que cantam, noutro os cantos do amanhã, isto quando o vizinho pelo que suspirava era por uma boa mangueira com jorros de água abundantes. Resumindo e concluindo: Não, não vale a pena manter esta organização se não reformularmos

---

<sup>1</sup> Personagem principal da “Utopia” de Thomas More.

completamente as causas próximas e intermédias de acção da Nova Museologia; sim, se formos capazes de ajustar os nossos grandes objectivos à realidade, definindo estratégias e tácticas que envolvam as comunidades em torno dos seus problemas efectivos (as causas/bandeiras próximas e intermédias).

#### IV

Dentro desta última ordem de ideias, a continuidade do Movimento, será importante não só estabelecermos um quadro ideológico susceptível de conferir coerência às acções (“cafeinizar” de novo a Nova Museologia), mas também que essa estrutura de objectivos corresponda ao pulsar do mundo de contexto e, sobretudo, que seja percebida como exequível e pertinente no plano dos quotidianos dos actores reais e potenciais. Tais desideratos implicam três alterações basilares na mente dos activistas comprometidos com a causa: desde logo abandonar a utopia enquanto referente e adoptar o conceito de eutopia como filosofia de base, ou seja, substituir o horizonte das situações ideais e perfeitas enquanto fim pelo das situações de bem estar só tendencialmente ideais, mas possíveis e atingíveis, o mesmo é dizer, passar do “não lugar” ao “bom lugar”; em segundo lugar, considerar a eutopia adjectivada através de duas linhas ideológicas associadas ao conceito e às práticas de desenvolvimento individual e colectivo - a do desenvolvimento enquanto conceito holístico tal como foi proposto, no Butão, por Jigme Singye Wangchuck<sup>2</sup> ou o que está implícito nos objectivos da ONU para o milénio<sup>3</sup>, tudo isto sopesado à luz do corpo de ideias expressas nas perspectivas pós-desenvolvimentistas no que diz respeito à insustentabilidade associada ao produtivismo e ao consumismo (degrowth/consumerismo); e, por último, desenvolver um activismo perseverante e continuado utilizando ferramentas metodológicas incrementalistas<sup>4</sup>, ou seja, subdividindo as grandes questões em compartimentos mais simples e “avançando” em cascata através de processos participados no quadro do ajuste mútuo entre as perspectivas e os interesses díspares existentes no seio das comunidades. Tudo isto, embora de grande simplicidade, permitirá estabelecer um novo quadro de objectivos servido por novas ferramentas metodológicas que, no seu conjunto, permitirão, crê-se, conferir

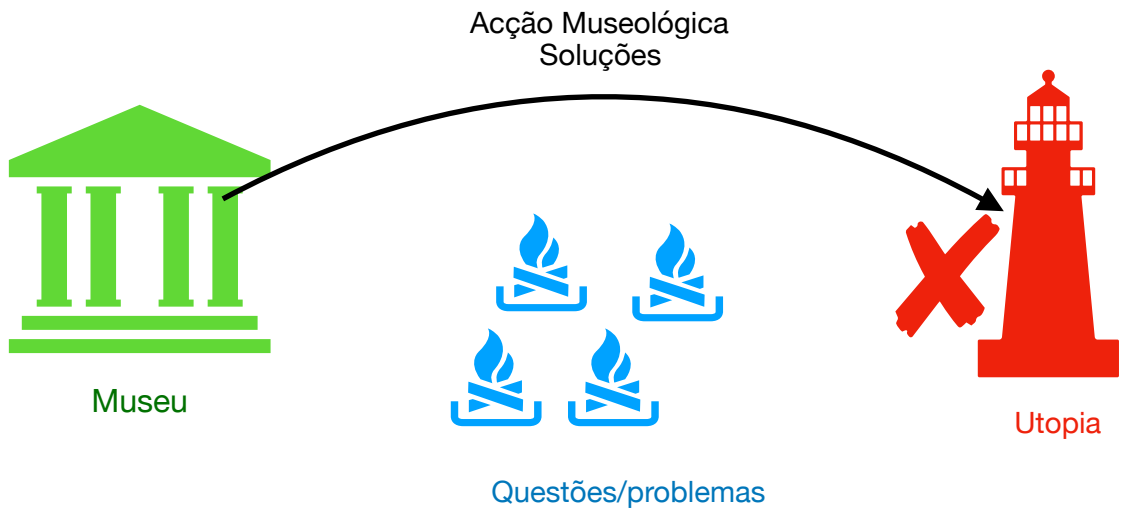
---

<sup>2</sup> Pilares da FIB (Felicidade Interna Bruta) - Promoção do desenvolvimento Educacional para a Inclusão Social; Preservação e promoção dos Valores Culturais; Resiliência Ecológica na base do Desenvolvimento Sustentável; Estabelecimento da Boa Governança; Preservação dos Valores capazes de garantirem a Vitalidade Comunitária; Saúde na Garantia da Vida; Desenvolvimento Sustentável para a Inclusão e potenciação do Padrão de Vida; Diminuição da jornada de trabalho na promoção do tempo livre e do Lazer; Estimulo à participação em atividades desportivas; Igualdade entre géneros e liberdade de pensamento.

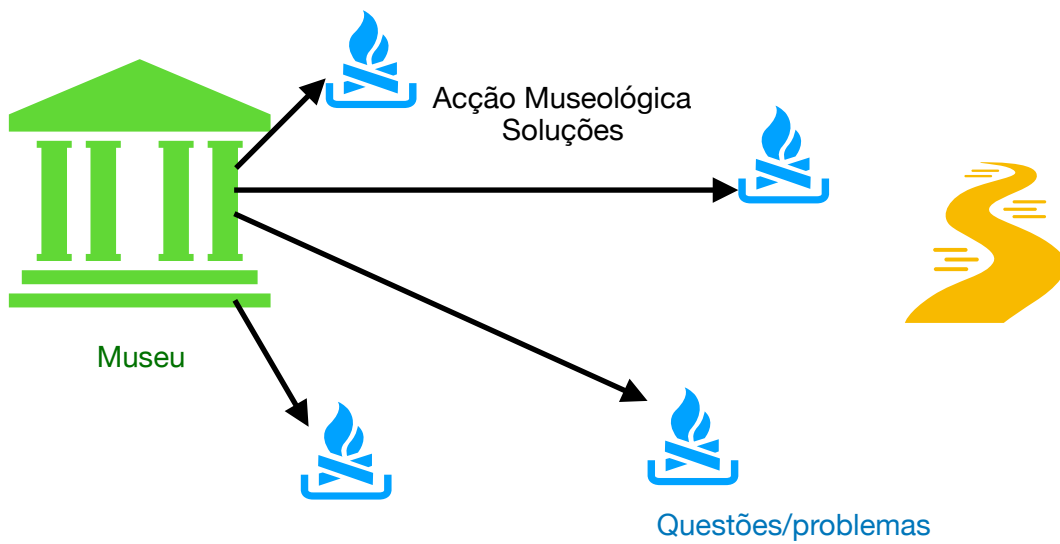
<sup>3</sup> Erradicação da pobreza; fome zero e agricultura sustentável; saúde e bem estar; educação de qualidade; igualdade de género; água potável e saneamento; energia limpa e acessível; trabalho decente e crescimento económico; indústria, inovação e infraestruturas; redução das desigualdades; cidades e comunidades sustentáveis; consumo e produção responsáveis; acção contra a mudança global do clima; vida na água e na terra; paz, justiça e instituições eficazes; parcerias e meios de implementação.

<sup>4</sup> Tal como foi definido por Charles Lindblom no seu trabalho "The Science Of 'Muddling Through'".

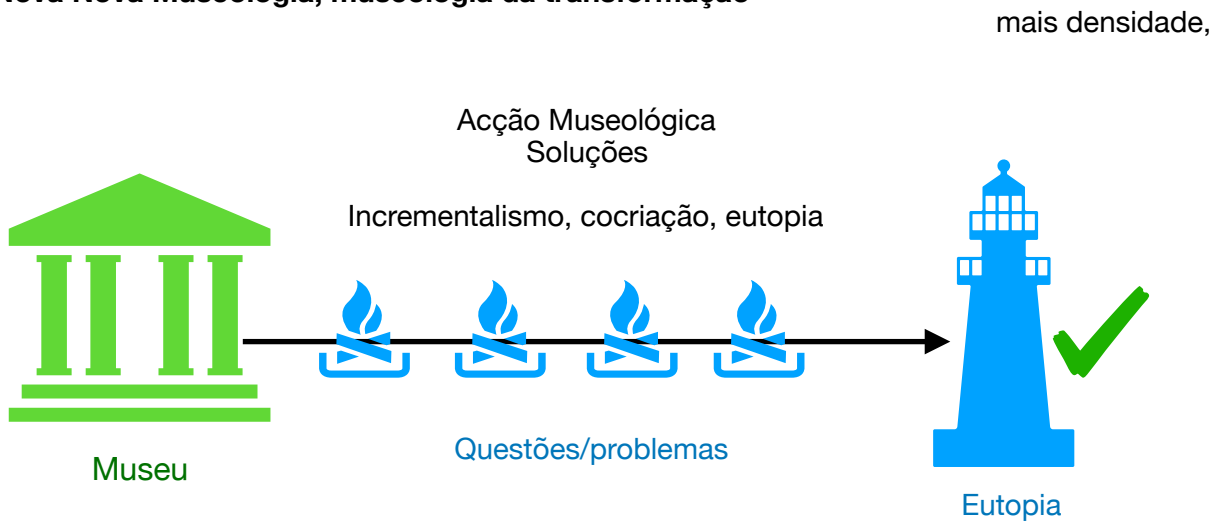
### 1 - Nova Museologia e Utopia



### 2 - Nova Museologia light, sem referentes



### 3 - Nova Nova Museologia, museologia da transformação



aceitabilidade, eficácia e eficiência à acção museológica, reduzindo, desta forma, as entropias que têm caracterizado a acção do Movimento nos últimos anos.

Por outro lado e em acréscimo, este novo tabuleiro em que a acção se desenrolará, abre espaço, confere racionalidade e adiciona coerência a novas peças - ou a já presentes mas incongruentes - que deverão estar colocadas e activas no xadrez da nova museologia do futuro, peças essas que representam, afinal, nada mais do que objectivos parciais que nos conduzirão, progressivamente, à eutopia que demandamos - e podemos - atingir: a preservação dos valores culturais e patrimoniais diferenciadores; a inclusão social, a sustentabilidade, a vitalidade das comunidades, a liberdade em todos os seus componentes, a autoconfiança e a acção directa, a boa governança, a erradicação da pobreza, a justiça social e territorial, a igualdade de género e de opção sexual, o direito ao lazer, o consumerismo, a parcimónia na utilização dos recursos renováveis e não renováveis, a tolerância e o direito à diferença, a existência de boas condições ambientais, o inconformismo e o direito à revolta, a memória e a pertença, em poucas palavras, a qualidade de vida plena, a felicidade, a eutopia colectiva e individual que todos, nas cidades ou nos campos, na Europa ou em África, temos direito,.

## V

Estabelecidos os objectivos (as eutopias) e os métodos (o incrementalismo a a cocriação<sup>5</sup>), importa agora efectuar a sua projecção num corpo integrado e operacional incidente sobre a (nova) museologia e o MINOM. Propõe-se, para tanto e por analogia com outros domínios do conhecimento<sup>6</sup>, a reunião dos vectores conceptuais atrás enunciados debaixo da terminologia “Museologia da transformação”. “Transformação” porque se trata, em última análise, o que se pretende produzir com a acção museológica: alterações nos vários *layers* envolvidos rumo a uma realidade melhor, ao desenvolvimento pleno, à eutopia. Mas “transformação” porque se considera, também, a transformação do discurso e das ferramentas utilizadas pelos museus nas suas práticas concretas e quotidianas.

Assim, dentro desta ordem (nova) de ideias, sejam os objectivos, sejam os métodos, deverão convergir para que, no sentido oposto ao avançado por Lampedusa, as coisas mudem/se transformem de modo a que nada permanecer igual.

Na prática, a que mudanças/transformações estamos a referir-mo-nos?

Desde logo, mudanças no âmbito dos actores - activos e passivos - que se congregam em torno dos museus: os simples visitantes, locais ou forasteiros, deverão ser submetidos a experiências museológicas e museográficas de tal forma marcantes e inolvidáveis - seja pela candência da temática, seja pela inovação expositiva, seja pelo poder do discurso, seja, sobretudo, pela reflexão induzida - que lhes introduzam transformações sensíveis no tempo que medeia entre a entrada e a saída do museu (transformação do visitante); os utentes (museólogos voluntários) e os museólogos profissionais (se os houver, o que não é obrigatoriamente necessário), os quais, durante os processos museológicos de cocriação, terão a oportunidade de se transformar através do acréscimo dos respectivos capitais específicos (relacional, de conhecimento, crítico,

---

<sup>5</sup> Adaptado do modelo de gestão económica apresentado por C. K. Prahalad e Venkat Ramaswamy - contribuição e selecção de *inputs*.

<sup>6</sup> Designadamente os estudos do turismo - turismo de transformação.

de auto-confiança, de cidadania e governança, de ética social e ambiental, entre outros); e, embora noutra plano, também a população em geral - que desconhece ou que é indiferente ao museu - a qual, mediante iniciativas que extravasem as suas quatro paredes ou através da disponibilização de serviços com utilidade e préstimo societários, interessará ganhar e motivar para o museu enquanto instituição comunitária efectiva, conferindo-lhe a notoriedade e a relevância que operarão, mais cedo ou mais tarde, uma transformação positiva no posicionamento da “instituição” no seu “ecossistema” de acolhimento, em geral, e na massa apática e indiferente, em particular.

Por outro lado, transformação também no que ao museu enquanto componente funcional de um colectivo diz respeito, a sua dimensão institucional e a sua relevância e préstimos, a par dos seus objectivos últimos, intermédios e imediatos, os seus modos de funcionamento e a sua estrutura e cadeias de poder. Ou seja, a um novo quadro conceptual há que fazer corresponder, para dele obter efeitos desejáveis, um novo panorama institucional, quer no plano interno, quer no âmbito do capital relacional além muros. Neste particular - transformação enquanto instituição - o novíssimo museu deverá sacudir, de vez, as teias de aranha que ainda restam ocultas nos seus recantos mais esconsos e polvorosos legados pela museologia tradicional e oficial (e, em parte, transmutados através de um processo de reciclagem científica operado pelas universidades ao conferir-lhes uma patine socialmente aceitável, a do conhecimento/poder científico certificado e oficializado) e optar por um quadro efectivamente alternativo, inclusivo e democrático.

Falamos, desde logo e à cabeça, de se transformar numa instituição livre e independente de patronos - ou donos - que, por o pagarem, albergarem ou facilitarem, cedo ou tarde (e, normalmente, mais cedo do que tarde) imporão, caminhos, soluções, discursos, funções, senão explicitamente através do controlo político directo, implicitamente mediante a necessária e esperada auto-justificação do museu no plano dos investimentos financeiros aí efectuados pelas tutelas. Esta transformação para a liberdade, propugnada nos primórdios do Movimento e rapidamente esquecida à luz do facilitismo e do desiderato de “fazer e exhibir obra”, implicará apostar, ainda mais, na acção voluntária dos directa ou indirectamente beneficiários da acção museológica; no capital de conhecimento instalado entre quem sente, vive e é afectado pelos problemas; na energia criadora e inovadora dos indivíduos quando motivados e organizados em redes informais de interesses; no *downgrading* dos investimentos através de uma utilização de recursos parcimoniosa e inteligente (tais, como, entre outros, a reciclagem, a partilha inter institucional ou a utilização temporária de elementos expositivos a fazer retornar, posteriormente, aos seus proprietários); no reforço do “bridging capital” ancorado em outras instituições museológicas ou alternativas externas; em síntese, na criação das condições objectivas que lhe permita cortar amarras e navegar, mesmo que mais lentamente e em mares mais agitados, livremente rumo às eutopias perspectivadas.

Mas referimo-nos, também, à democratização da “instituição” museu, transformando-a numa plataforma de convergência entre “iguais desiguais”, iguais porque integrando uma estrutura horizontal em direitos, responsabilidades, influência e capital de decisão, desiguais porque repousando no “cosmopolitismo” geográfico, social e ideológico em que a tolerância pela diferença e a inclusividade permitem o “ajuste mútuo” e a libertação plena da energia criadora e transformadora dos colectivos (maximizando a entalpia). Esta efectiva transformação rumo à verdadeira democracia estrutural, deverá ser acompanhada por outros vectores transformantes,

de entre os quais se salienta: o abandono da “tara” das colecções (as verdadeiras colecções do museu são as pessoas que, conscientes disso - ou não - o compõem, bem como os seus problemas, quotidianos e ambientes de vida); a secundarização do dogma da autenticidade (em muitos casos, o autêntico ou o *fake*/réplica produzem exactamente os mesmos resultados finais na composição de um enredo expositivo<sup>7</sup>); o afastamento da volúpia associada ao valor monetário atribuído ao acervo em carteira e a sua utilização enquanto unidade de avaliação da importância do museu; a erradicação da ideia de que o produto final é mais relevante do que os processos colectivos de interação, concepção e operacionalização que lhe dão corpo; o distanciamento face à tendência actual de turistificação dos museus e o seu consequente recentramento na sua área territorial ou social de influência, não porque os museus careçam de ligações potenciais com o turismo, mas sim porque essas ligações não devem ser entendidas através de um simples processo directo e óbvio de geração de atractivos - submetendo, portanto, a sua acção àquilo que é suposto os turistas buscarem e valorizarem - mas antes através de um processo indirecto, com vários arcos de ligações, determinado, em primeira análise, pela sua ligação aos locais e só depois, e através dos efeitos neles/aí induzidos, reflectido no capital turístico disponibilizado aos vários nichos motivacionais da procura (turismo de base comunitária, turismo cultural, turismo voluntário, entre outros) e na qualidade e veracidade das experiências turísticas oferecidas; a eliminação do seguidismo e reverência relativamente aos portadores da “boa nova” e aos detentores da chave do sacrário do conhecimento abençoado pelas catedrais do saber oficial, as quais veiculam, com cientificidade palatável, a “voz do dono” e o *status quo*.

Finalmente, aludimos à transformação do contexto em que se insere o museu, o palco ambiental e o enredo societário, os quais, em conjunto, formam a tessitura dos territórios humanizados que se procura robustecer e fazer avançar para horizontes de maior qualidade de vida no seu sentido mais abrangente e de acrescida justiça social e territorial, liberdade e tolerância, ou seja, perseguindo o desenvolvimento como foi caracterizado anteriormente através da ideia de Felicidade Interna Bruta e dos grandes objectivos do milénio - o desenvolvimento integrado e integral que já foi proposto, neste mesmo local, faz trinta anos.

## VI

Não sendo, portanto, “um sonho lindo que passou”, a nova museologia, vestida com as roupagens que cada um julga assentarem melhor ao seu figurino - seja, entre outras, museologia social, museologia da libertação, ou, mesmo, da transformação - carece de, com insubmissão relativamente a preconceitos, repensar-se e readaptar-se às novas realidades que o fluir dos tempos foi desvendando. E, já que estamos no domínio dos “re...”, também rejuvenescer-se no sentido mais comum do termo, visto que, pelo menos na Europa e em particular no nosso País, corre o risco de se tornar numa “nova” museologia geriátrica com as suas jornadas anuais a

---

<sup>7</sup> Embora, segundo o nosso companheiro César Lopes, as réplicas não tenham a potência de “voz” que os originais, não dando azo, portanto, a um transporte e a uma evocação semelhantes ao nível do “simples” visitante. A sua larga experiência na montagem, gestão e avaliação de exposições é suficiente para admitirmos tais dessemelhanças como verdadeiras.



realizar-se, no meio de lautos repastos de canja de galinha e chá de tília, em centros para a terceira idade.

Este aspecto pode parecer irrelevante porque, como sabemos, a agudeza e a actualidade de pensamento não estão correlacionadas directamente com a maior ou menor juventude em termos físicos. Contudo, encerra significado e consequências. Significa, à partida, a incapacidade para passar o testemunho às gerações mais jovens, seja porque estas não se revêm nas bandeiras que o movimento desfralda, seja por inépcia ou falta de vontade dos que o deveriam fazer. Tem consequências, na medida em que dificulta a osmose que deveria efectuar-se, de forma espontânea e natural, entre a realidade externa e o Movimento, simplesmente através dos *inputs* carreados pelos membros jovens. E isto já para não falar que daqui a outros trinta anos, com a actual estrutura etária do MINOM, só haverá Vila Franca de Xira III se a mesma fôr efectuada por comunicação à distância entre o Céu, o Inferno e o Purgatório (para os crentes) ou entre os átomos das substâncias cósmicas (para os não crentes).

Gostaria de terminar como o fiz à trinta anos com a esperança e o encantamento de quem tem a vida pela frente e ainda acreditava que podia mudar o mundo (a razão última que me trouxe e que me fixou à Nova Museologia), mas, efectivamente, não será possível. Duvido, cada vez mais, que o mundo queira ser mudado para melhor e, francamente, o fluir dos anos, entre muitas outras coisas pouco interessantes, pelo menos teve a virtude de ir introduzindo alguma modéstia e realismo no alcance dos propósitos por mim almejados.

Explicite estes apontamentos pessoais somente porque os mesmos contribuem - desconheço em que medida - para explicar, igualmente e entre outros aspectos, a passagem da Museologia da Libertação de 1988 para a Museologia da Transformação de 2018, bem como da via da ruptura para a do incrementalismo.

Tudo isto com os desencantos próprios daqueles que, em diversos aspectos, crêem ter assistido, neste trinténio, a uma maior aproximação às distopias receadas do que, propriamente, às utopias desejadas. Mas, como mesmo na floresta mais escura há sempre um raio de luz que atravessa a folhagem e que incide sobre um modesto besouro conferindo-lhe reverberações coloridas, grandiosas e principescas, há que, com realismo e perseverança, acreditar no poder gerador de luz da nova museologia. Mesmo que a mesma, como a do pirilampo, seja modesta e flua por impulsos.

Com as dificuldades próprias das que caminha um Ford do ano de 1920 e por mau caminho, vamos de tombo em tombo, mas avançando, avançando ...

Salvador Allende

Estoril, 2 de Novembro de 2018